

ANTROPOMORFISMO: DEFINIÇÕES, HISTÓRICO E IMPACTO EM CÃES DE COMPANHIA

STELLA ARNT ROSA^{1*}, RITA LEAL PAIXÃO² & GUILHERME MARQUES SOARES³

*¹Programa de Pós-graduação em Medicina Veterinária da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. *E-mail para correspondência: stellaarnt@gmail.com.*

²Departamento de Fisiologia e Farmacologia, Instituto Biomédico, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: rita_paixao@uol.com.br.

³Curso de Medicina Veterinária, Universidade Severino Sombra, Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: gsoaresvet@gmail.com.

Abstract. Anthropomorphism: definitions, history and effect on pet-dogs. Anthropomorphism, the attribution of human mental qualities to nonhuman beings, is very common when people relate to animals, objects and divine entities. Anthropomorphism is an almost universal trait among companion animal caretakers, which highlights its importance regarding animal behavior and welfare. Despite the relevance and wide range of research about this topic, to this point researchers were not able to reach an agreement about its impact on the pet-human relationship, and its influence on the development of behavior problems in dogs. This paper reviews the current definitions, the anthropomorphism concept's development, and different points of view about its effects on dog behavior, welfare and relationship with tutors.

Keywords: animal welfare, canine behavior, dog, human-animal relationship.

Resumo. O antropomorfismo, a atribuição de qualidades mentais humanas a seres não humanos, é um fenômeno típico das relações que as pessoas desenvolvem com animais, objetos e divindades. O antropomorfismo possui grande importância para seres humanos e animais de estimação, devido a alta frequência com que ocorre entre tutores, e por seu impacto em potencial no comportamento e bem-estar dos animais de companhia. Apesar da importância do antropomorfismo e da grande quantidade de pesquisas relacionadas ao tema, não existe um consenso a respeito do seu impacto sobre o relacionamento entre os seres humanos e animais de estimação, e sua influência no desenvolvimento de problemas comportamentais em cães. Este trabalho é uma revisão de literatura sobre antropomorfismo, abordando definições utilizadas atualmente, o histórico do surgimento do termo, e os argumentos que defendem impactos positivos e negativos do antropomorfismo no comportamento e bem-estar de cães de companhia e seu relacionamento com os tutores.

Palavras-chave: bem-estar animal, cão, comportamento animal, humanização, interação humano-animal.

INTRODUÇÃO

O cão doméstico conquistou um papel importante no contexto familiar atual, o que pode ser constatado pelo número crescente de

lares com cães de estimação, com o passar dos anos. Historicamente, o cão era tido como um animal de trabalho ou um bem material. Hoje, cada vez mais é visto como membro da família, e vem adquirindo papel de destaque na rede de

relacionamentos humanos (ALBERT & BULCROFT, 1988; GREENEBAUM, 2004; SOARES, 2010; VOITH *et al.*, 1992), sendo um possível fator para a melhoria na qualidade de vida das pessoas. Além dos benefícios psicológicos, conviver com animais de estimação também tem influência positiva sobre a saúde, melhorando parâmetros fisiológicos como a pressão arterial e frequência cardíaca (DUVALL & PYCHYL, 2008).

Antropomorfismo é a atribuição de características ou comportamentos humanos a animais não-humanos, deuses ou objetos (SOANES & STEVENSON, 2005). A prática do antropomorfismo direcionado a animais não humanos é muito comum entre tutores de cães e vem se tornando mais frequente nos últimos anos (DUVALL & PYCHYL, 2008). Tradicionalmente, profissionais envolvidos com treinamento e comportamento de cães afirmavam que o antropomorfismo poderia ter consequências negativas, levando ao desenvolvimento de comportamentos problemáticos como agressividade, desobediência, etc (VOITH *et al.*, 1992). O antropomorfismo passou então a ser censurado, como forma de prevenção ou tratamento de problemas comportamentais, entretanto, evidências científicas comprovando a relação entre antropomorfismo e problemas comportamentais são escassas (VOITH *et al.*, 1992).

A hipótese do antropomorfismo como causa de problemas comportamentais em cães tem sido questionada, e alguns autores destacam aspectos positivos do

antropomorfismo (BURGHARDT, 1985; VOITH *et al.*, 1992; BEKOFF, 2000; SERPELL, 2002; HOROWITZ, 2009; BETTERFIELD *et al.*, 2012). Enquanto isso, pesquisadores têm tentado analisar uma conexão entre antropomorfismo e problemas para a relação entre humanos e animais de estimação, ou para o comportamento e bem-estar destes, porém até o presente momento nenhum consenso foi estabelecido (O'FARRELL, 1997; VOITH *et al.*, 1992). Apesar da grande variedade de trabalhos, nota-se que não se pode concluir se o antropomorfismo deve ou não ser desencorajado como medida preventiva ou de tratamento para problemas de comportamento em cães, ou em seu relacionamento com seus tutores.

Em virtude da sua alta frequência e a possibilidade de estar envolvido no desenvolvimento de problemas de comportamento, é fundamental conhecer as características do antropomorfismo, e principalmente suas consequências positivas e negativas para o bem-estar tanto de humanos quanto de animais de companhia. Conhecendo melhor este fenômeno, poderemos elaborar estratégias para minimizar problemas relacionados ao mesmo, contribuindo para uma melhor qualidade de vida tanto do animal de estimação quanto do tutor.

DEFINIÇÃO DE ANTROPOMORFISMO

Antropomorfismo é a atribuição de características ou comportamentos humanos a animais não humanos, deuses ou objetos (SOANES

& STEVENSON, 2005). Este fenômeno é universal nas relações que o ser humano desenvolve com outros animais, objetos, eventos naturais e personagens divinos (DUVALL & PYCHYL, 2008).

Na literatura encontram-se vários exemplos definidos como antropomorfismo. Segundo SERPELL (2002), dar alimentos e bebidas culturalmente considerados específicos para humanos ao animal (por exemplo: bolo, refrigerante), dar nomes humanos, comemorar aniversários, levar a médicos especialistas quando ficam doentes, vivenciar o luto dos mesmos e enterrar em cemitérios para *pets* com rituais semelhantes a humanos, vestir os *pets* com roupas, coloca-los em creches durante o dia, custear transplantes renais e outros procedimentos veterinários avançados e caros, considerar *pets* semelhantes a filhos, e contar mais com o *pet* para afeição do que seus filhos e cônjuge, são todos exemplos de antropomorfismo.

No trabalho sobre antropomorfismo de GREENEBAUM (2004), estudou-se um estabelecimento definido como uma confeitaria dirigida exclusivamente para cães, que promove um evento chamado *Yappy hour*. Os frequentadores deste estabelecimento relataram perceber os cães como filhos, e eles mesmos, como pais. A autora destacou a humanização dos *pets* através da observação da ascensão do *pet* ao *status* de membro da família ou filho, de uma confeitaria que produz guloseimas tão boas como se fossem para humanos, só que para cães, com ingredientes naturais e integrais, sem

açúcares, sal, gordura animal ou preservativos artificiais. Ainda, comprar artigos para o cão seria uma forma de reforçar seu *status* como membro da família. Canais de televisão voltados para animais não humanos, levar o animal ao psicólogo canino, levar o cão para passar o dia em creches caninas, e passear com o cão em carrinhos de bebê, contratar um passeador para que o cão não fique sozinho quando a família viaja, incluir cães em testamentos, comprar roupas para o cão, e estabelecimentos exclusivos para cães foram considerados exemplos de antropomorfismo (GREENEBAUM, 2004).

VOITH e colaboradores (1992) utilizaram um questionário para detectar o antropomorfismo. Nesse questionário, foram consideradas atitudes para mimar o cão: dormir na cama com um membro da família, ser permitido ao cão subir na mobília, dar comida da mesa ao cão durante uma refeição, compartilhar petiscos com o cão (sem considerar a refeição principal), levar o cão ao realizar afazeres diários, levar o cão ao sair de casa por uma noite ou mais; e foram consideradas atitudes antropomórficas: comemorar o aniversário do cão, falar com o cão sobre problemas e eventos importantes.

TOPÁL e colaboradores (1997) também empregaram um questionário para detectar antropomorfismo. As perguntas adotadas para identificar antropomorfismos foram: permitir ou não que o cão suba na cama, a forma e frequência de brincadeiras com o cão, a frequência e motivo para levar o cão para passear, a frequência com que conversa com o cão e os assuntos abordados,

a frequência da compra de presentes para o cão, a comemoração do aniversário do cão, o que a pessoa acha do cão, o quanto o cão é obediente, o quanto o cão é esperto na opinião do tutor, com que facilidade o tutor ensina comandos ao cão, quais tipos de habilidades cognitivas o tutor acredita que o cão tem, o quanto o cão entende a linguagem humana na opinião do tutor, o quanto o cão se identifica com as emoções do tutor, a comparação da capacidade mental do cão com uma criança de qual idade na opinião do tutor. Enquanto isso, HECHT e colaboradores (2012) e HOROWITZ (2009), consideram antropomorfismo a atribuição de culpa a cães surpreendidos realizando uma ação proibida.

O trabalho de ALBERT & BULCROFT (1988) ressaltou que tutores estão dispostos a arcar com altos gastos financeiros para a manutenção de animais de estimação, e considerou antropomorfismo a disposição para custear procedimentos veterinários caros, considerar a presença de um animal de estimação na casa fundamental para a constituição de uma família, deixar sua opinião sobre outra pessoa ser afetada pelo modo como ela trata os seus animais de estimação, levar o animal não humano durante visitas a outras pessoas, acreditar que animais de estimação têm os mesmos direitos que as pessoas, comemorar aniversários do *pet*, ter fotos do *pet* na carteira ou em porta-retratos em casa ou no trabalho, acreditar que o seu animal de estimação é mais leal do que outras pessoas de sua vida, achar que o animal faz parte da família, e o animal ter acesso a todos os cômodos

da casa.

HISTÓRICO DO CONCEITO DE ANTROPOMORFISMO

Em 1871, DARWIN publicou o texto “A descendência do homem e seleção em relação ao sexo”, no qual apontou diversas semelhanças entre as mentes de seres humanos e animais não humanos. Para ele, humanos e os outros animais compartilham várias emoções, intuições e instintos, e a diferença está no grau e não no tipo das habilidades mentais. Nas principais obras de Darwin, inclusive em seu trabalho sobre a teoria da evolução, é frequente a atribuição de qualidades mentais humanas aos animais não humanos (DARWIN, 1859, 1871, 1872).

Antes da divulgação das ideias de Darwin, predominava a visão cartesiana de que os animais não humanos eram seres autômatos, governados por meros reflexos e desprovidos de qualquer estado mental (WYNNE, 2007a). Darwin é considerado o primeiro cientista a estudar as emoções em animais não humanos, e introduziu o conceito da continuidade psicológica entre os animais humanos e os demais. Isto possibilitou a emergência do estudo do comportamento animal (BOAKES, 1984; BEKOFF, 2000). O principal sucessor de Darwin, Romanes, que publicou o texto “Inteligência Animal” em 1883, foi o fundador oficial da ciência da psicologia animal (WATANABE, 2007; WYNNE, 2007a).

Inicialmente, o termo antropomorfismo não foi criado dentro de um contexto biológico ou etológico, e sim religioso. O primeiro a utilizá-lo foi Xenófanos, no século VI a.C., sob

a definição de “atribuição da forma humana a divindades” (LESHER, 2001; WYNNE, 2005, 2007a). Somente muitos séculos após, próximo à publicação do texto “A origem das espécies”, de Darwin, ocorreu pela primeira vez o emprego do termo antropomorfismo em relação aos animais não humanos por George Henry Lewes. Em seu livro, *Seaside Studies* (1858), Lewes considerou antropomórficas as tentativas de descrever a visão de animais como moluscos (WYNNE, 2005, 2007a).

Após a publicação dos trabalhos de Darwin e Romanes, ampliou-se a aplicação do termo “antropomorfismo” para descrever a atribuição de qualidades mentais humanas a animais não humanos, e com o tempo a utilização do antropomorfismo desta forma tornou-se cada vez mais comum (WYNNE, 2005).

HISTÓRICO DO DEBATE SOBRE O ANTROPOMORFISMO

Com a disseminação da prática do antropomorfismo iniciou-se uma controvérsia sobre o assunto. Enquanto Darwin e Romanes acreditavam na continuidade psicológica entre homens e os outros animais, Lewes condenava a prática do antropomorfismo, pois considerava um equívoco tentar interpretar as ações dos animais através de analogias à natureza humana (WYNNE, 2007a).

Desde então e até os dias atuais, cientistas e filósofos de várias partes do mundo discutem sobre os pontos positivos e negativos destas atribuições. Atualmente na comunidade científica, o antropomorfismo é tema central

de um debate a respeito da sua utilização nos campos da psicologia, etologia e biologia.

DEBATE ATUAL SOBRE O ANTROPOMORFISMO NO CAMPO DA PESQUISA

Wynne, pesquisador nas áreas de análises comportamentais, cognição comparada e psicologia experimental da Universidade da Florida, condena a prática do antropomorfismo, e afirma que qualquer atribuição mental a animais não humanos deve ser feita com extrema cautela (WYNNE, 2004). Ele caracteriza o antropomorfismo como uma forma de mentalismo (WYNNE, 2005, 2007a). Na psicologia, mentalismo é definido como uma “doutrina segundo a qual, para além dos fenômenos físicos e fisiológicos, há também fenômenos espirituais ou mentais que podem ser estudados através da introspecção” (DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA: ACORDO ORTOGRÁFICO, 2014).

Enquanto uma forma de mentalismo, o antropomorfismo é abstrato e não pode ser mensurado ou comprovado por meios concretos. Por esse motivo, não é uma ferramenta válida para a geração de hipóteses testáveis, não se adequando aos moldes objetivos da ciência moderna (WYNNE, 2004, 2005, 2007a, 2007b).

O hábito de utilizar o antropomorfismo leva o pesquisador a se precipitar, dando prioridade a conclusões mentalistas, em oposição a analisar cientificamente o comportamento (WYNNE, 2007b). Esta tendência ocorre, pois tentar explicar comportamentos complexos utilizando apenas termos descritivos pode ser

extremamente complicado. Porém, recorrer ao antropomorfismo como uma explicação mais simples leva a falsas interpretações, e de fato impede o verdadeiro entendimento do comportamento do animal (WYNNE, 2004, 2005, 2007b).

BURGHARDT e colaboradores (1990) reconhecem os riscos da prática do antropomorfismo no âmbito científico, e concordam que o pensamento antropomórfico pode levar a interpretações incorretas do comportamento, ofuscando o verdadeiro estado mental, motivação e reais necessidades do animal. Porém, a ausência total de antropomorfismo também pode ser prejudicial. Recorrer à intuição ao elaborar perguntas de pesquisa é uma etapa importante no desenvolvimento de ensaios científicos. Abster-se totalmente desse recurso, com o objetivo de evitar o antropomorfismo a qualquer custo, resulta em uma ciência monótona e improdutiva (BURGHARDT, 1985). Quando a atribuição antropomórfica é realizada de forma meticulosa e racional, pode constituir uma ferramenta útil para o desenvolvimento de hipóteses científicas. Sendo assim, foi proposto o conceito de “antropomorfismo crítico” (BURGHARDT, 1985; BURGHARDT *et al.*, 1990).

Antropomorfismo crítico pode ser definido como a atribuição de características ou comportamentos humanos a animais não humanos de uma forma criteriosa, ao contrário da forma livre e não fundamentada que ocorre frequentemente (BURGHARDT, 1985). Ao empregar o antropomorfismo crítico, o

pesquisador não despreza a empatia, porém leva em consideração múltiplos dados científicos comprovados e concretos para a formulação inicial de uma pergunta de pesquisa. A incorporação de conhecimentos acerca da ecologia, biologia, fisiologia e comportamento do animal minimizam as chances de interpretações equivocadas. O produto seria uma hipótese testável, que possa ser incorporada ao modelo objetivo requerido pela ciência (BURGHARDT, 2004, 1985, 2009).

O preconceito contra o antropomorfismo não deve impedir o estudo do comportamento e emoções dos animais não humanos. Segundo BEKOFF (2000), muitos cientistas argumentam que, devido ao fato de emoções serem experiências privadas, é impossível saber exatamente o que os animais sentem ou quais emoções justificam seus comportamentos, assim, o estudo das emoções dos animais não humanos seria impossível, e o antropomorfismo seria uma tentativa inútil para tal. Porém, para Bekoff, o receio do antropomorfismo tem atrasado muito as pesquisas nessa área, e não deve ser uma desculpa para ignorar o estudo dos sentimentos dos animais não humanos. Devemos utilizar todos os meios possíveis, através de pesquisas comparativas, evolutivas, etológicas, neurobiológicas e endócrinas, para entender melhor sobre os outros animais.

Utilizar a linguagem antropomórfica facilita a comunicação na hora de descrever os comportamentos dos animais, pois utilizar termos antropomórficos facilita o entendimento do comportamento que o animal está manifestando.

É importante ter em mente que descrever um animal como feliz ou triste não garante que o que o animal está sentindo seja realmente felicidade ou tristeza da mesma forma como os animais humanos sentem. Apesar disso, a linguagem antropomórfica não precisa necessariamente ser descartada, e podemos utilizá-la ao mesmo tempo que tentamos considerar o ponto de vista do animal, o que seria chamado de antropomorfismo biocêntrico (BEKOFF, 2000).

DEBATE ATUAL SOBRE A INFLUÊNCIA DO ANTROPOMORFISMO NO COMPORTAMENTO E BEM-ESTAR DE CÃES DE COMPANHIA

Muitos pesquisadores na área da etologia clínica discutem a respeito do impacto do antropomorfismo no relacionamento entre ser humano e seu cão de estimação. Tradicionalmente, o antropomorfismo é apontado como responsável pelo desenvolvimento de problemas comportamentais em cães (O'FARRELL, 1997), e diversos trabalhos destacam aspectos negativos do mesmo.

O'FARRELL (1997) observou uma correlação positiva entre o envolvimento antropomórfico de tutores e a ocorrência de agressividade direcionada a pessoas por seus cães. HOROWITZ (2009) argumenta que o antropomorfismo pode ter um impacto negativo quando os tutores interpretam (de forma antropomórfica) que o cão apresenta um “olhar culpado” após realizar uma ação proibida. Em seu experimento, a autora demonstrou que essas atribuições foram equivocadas, pois o comportamento interpretado como “olhar culpado” estava mais

relacionado à repreensão pelo tutor do que à desobediência. Segundo esta autora, atribuir ao cão uma compreensão do conceito de culpa influencia diretamente o seu relacionamento com o tutor, pois pode gerar expectativas sobre o animal e frustrações para o tutor.

O antropomorfismo pode ainda gerar consequências anatômicas com efeito negativo direto na saúde do cão. Muitas raças foram desenvolvidas para apresentar determinadas características anatômicas atrativas a seres humanos. Por exemplo, a conformação anatômica de cães braquicefálicos (focinho curto e olhos posicionados mais frontalmente no crânio) é mais próxima à imagem humana quando comparada com a de cães de focinho mais longo e olhos nas laterais do crânio (SERPELL, 2002). Esse fato leva algumas pessoas a preferirem os cães braquicefálicos. Quando isso ocorre, diz-se que as raças braquicefálicas possuem um maior apelo antropomórfico. Porém, algumas das características responsáveis pelo apelo antropomórfico são prejudiciais aos cães, como no caso da síndrome do cão braquicefálico, resultante do achatamento do crânio (SERPELL, 2002). Além disso, a “seleção antropomórfica” pode ter levado à criação de linhagens de cães extremamente dependentes emocionalmente, gerando problemas comportamentais como a ansiedade de separação (SERPELL, 2002).

Em contrapartida, diversos trabalhos citam aspectos positivos do antropomorfismo. VOITH e colaboradores (1992) argumentam que não há evidências científicas suficientes

para afirmar que o antropomorfismo pode gerar problemas comportamentais. Os mesmos analisaram a relação entre atitudes antropomórficas e problemas de comportamento, e observaram que cães “tratados como gente”, “mimados” ou vistos de maneira antropomórfica não tiveram maior probabilidade de apresentar comportamentos problemáticos como agressividade, comportamentos destrutivos (de mobília e objetos), desobediência aos tutores, fobias, dentre outros.

Semelhantemente ao que foi exposto por HOROWITZ, (2009), HECHT e colaboradores (2012) também verificaram que as atribuições de “olhar culpado” foram equivocadas, por outro lado, tiveram uma consequência favorável aos cães. Quando os tutores acreditavam que seus cães pareciam culpados após realizar um ato proibido, os repreendiam com menor intensidade. Mesmo que interpretado incorretamente como culpa, o comportamento poderia ter atuado como fator pacificador, importante em espécies sociais na resolução de conflitos.

Apesar da sua relação com deformidades anatômicas, o antropomorfismo é responsável pela formação e manutenção do laço entre uma pessoa e o seu animal de estimação, e sem o antropomorfismo, essa relação não faria sentido. Diante da vasta distribuição de cães por todo o mundo, o antropomorfismo conferiu aos cães de companhia uma importante vantagem evolutiva (SERPELL, 2002).

Pessoas induzidas a terem pensamentos

antropomórficos manifestaram uma maior disposição para ajudar animais em situações difíceis ou perigosas, além de uma atitude mais positiva com relação aos direitos dos animais, bem-estar animal e vegetarianismo/veganismo (BUTTERFIELD *et al.*, 2012). O antropomorfismo facilitou a adoção de cães, ao exibirem expressões faciais que aumentassem sua aparência neonatal, a qual é preferencialmente selecionada por humanos (WALLER *et al.*, 2013), e está relacionado à atribuição de um maior valor moral e interesse aos animais não humanos (WAYTZ *et al.*, 2014). Estes estudos demonstram que o antropomorfismo pode ter um impacto benéfico para o bem-estar animal.

O suporte social é um fator de grande impacto no bem-estar de pessoas. Suporte social é tradicionalmente definido como apoio emocional ou material, oferecido a um indivíduo por outras pessoas, instituições religiosas ou grupos de apoio, que resulta em conforto, ajudando-o a lidar com uma variedade de fatores estressantes biológicos, psicológicos ou sociais (VANDENBOS, 2007). Atualmente assume-se que o suporte social pode ser oferecido também por animais de estimação (DUVALL & PYCHYL, 2008). Em um experimento com 730 tutores, 98% consideraram seu cão um membro da família (VOITH *et al.*, 1992). Acredita-se que uma das razões para isso seja o suporte social oferecido pelos cães (DUVALL & PYCHYL, 2008).

A relação entre antropomorfismo,

suporte social e estresse foi analisada, e foi observado que as pessoas que recebiam mais suporte social, principalmente de familiares, apresentaram um nível reduzido de estresse, e uma menor tendência ao antropomorfismo (DUVALL & PYCHYL, 2008). Além disso, as pessoas que praticavam mais antropomorfismo relataram receber níveis maiores de suporte social de seus cães (DUVALL & PYCHYL, 2008). Dessa forma, concluíram que as pessoas que recebem menos suporte social de familiares têm uma maior tendência a antropomorfizar seus cães, e possivelmente, receber dos mesmos suporte social (DUVALL & PYCHYL, 2008).

CONCLUSÃO

A partir da literatura consultada nota-se que não há padronização na definição do antropomorfismo. Diferentes autores utilizam métodos diversos de classificação e questionários não validados para a sua detecção. Até o momento, não há um consenso a respeito do impacto do antropomorfismo no comportamento e bem-estar de cães de companhia e seu relacionamento com os tutores, pois alguns pesquisadores ressaltam consequências negativas, enquanto outros defendem aspectos positivos. São necessárias mais pesquisas investigando mais detalhes de como esse fenômeno ocorre, e principalmente, que permitam uma classificação padronizada, questionários validados para a sua detecção, possibilitando o estudo das consequências do antropomorfismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERT, A. & BULCROFT, K. 1988. Pets, Families and the Life Course. **Journal of Marriage and the Family** **50**: 543-552.
- BEKOFF, M. 2000. Animal Emotions: Exploring Passionate Natures. **BioScience** **50**(10): 861-870.
- BOAKES, R. 1984. **From Darwin to behaviorism: psychology and the minds of animals**. Cambridge, Cambridge University Press, 296 p.
- BURGHARDT, G. 2004. Ground rules for dealing with anthropomorphism. **Nature** **430**: 15-15.
- BURGHARDT, G. M. 1985. Animal awareness. Current perceptions and historical perspective. **The American psychologist** **40**(8): 905-919.
- BURGHARDT, G. M. 2009. Ethics and animal consciousness: How rubber the ethical ruler? **Journal of Social Issues** **65**(3): 499-521.
- BURGHARDT, G. M.; MORTON, D. B. & SMITH, J. A. 1990. Critical anthropomorphism, animal suffering, and the ecological context. **The Hastings Center Report** **20**(3): 13-19.
- BUTTERFIELD, M. E.; HILL, S. E. & LORD, C. G. 2012. Mangy mutt or furry friend? Anthropomorphism promotes animal welfare. **Journal of Experimental Social Psychology** **48**(4): 957-960.

- DARWIN, C. 1859. **A origem das espécies**. Londres, John Murray, 502p.
- DARWIN, C. 1871. **A descendência do homem e seleção em relação ao sexo**. London, John Murray, 688p.
- DARWIN, C. 1872. **No A expressão da emoção em homens e animais**. London: John Murray, 416p.
- DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA: ACORDO ORTOGRÁFICO**. 2014. Porto, Porto Editora, 1744 p.
- DUVALL, N. M. & PYCHYL, T. A. 2008. An examination of the relations between social support, anthropomorphism and stress among dog owners. **Anthrozoos** **21**(2): 139-152.
- GREENEBAUM, J. 2004. It's a Dog's Life: Elevating Status from Pet to "Fur Baby" at Yappy Hour. **Society & Animals** **12**(2): 117-135.
- HECHT, J.; MIKLÓSI, Á. & GÁCSI, M. 2012. Behavioral assessment and owner perceptions of behaviors associated with guilt in dogs. **Applied Animal Behaviour Science** **139**(1-2): 134-142.
- HOROWITZ, A. 2009. Disambiguating the "guilty look": Salient prompts to a familiar dog behaviour. **Behavioural Processes** **81**(3): 447-452.
- LESHER, J. H. 2001. **Xenófanes de Cólofon: Fragmentos**. Toronto: University of Toronto Press.
- O'FARRELL, V. 1997. Owner attitudes and dog behaviour problems. **Applied Animal Behaviour Science** **52**(3-4): 205-213.
- SERPELL, J. A. 2002. Anthropomorphism and anthropomorphic selection- beyond the "cute response". **Society and Animals** **10**(4): 437-454.
- SOANES, C. & STEVENSON, A. 2010. **Oxford Dictionary of English**. 3a. ed. New York, Oxford University Press, 2112p.
- SOARES, G. M. 2010. **Avaliação de fatores de influência na manifestação da agressividade em cães**. Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 96p.
- TOPÁL, J.; MIKLÓSI, Á. & CSÁNYI, V. 1997. Dog-human relationship affects problem solving behavior in the dog. **Anthrozoos** **10**(4): 214-224.
- VANDENBOS, G. 2007. **APA Dictionary of Psychology**. 2nd. ed. Berkeley, American Psychological Association, 1024p.
- VOITH, V. L.; WRIGHT, J. C. & DANNEMAN, P. J. 1992. Is there a relationship between canine behavior problems and spoiling activities, anthropomorphism, and obedience training? **Applied Animal Behaviour Science** **34**(3): 263-272.
- WALLER, B. M.; PEIRCE, K.; CAEIRO, C. C.; SCHEIDER, L.; BURROWS, A. M.; MCCUNE, S. & KAMISKI, J. 2013. Paedomorphic facial expressions

- give dogs a selective advantage. **PLoS ONE** **8**(12): 1-6.
- WATANABE, S. 2007. How animal psychology contributes to animal welfare. **Applied Animal Behaviour Science** **106**(4): 193-202.
- WAYTZ, A.; CACIOPPO, J. & EPLEY, N. 2014. Who Sees Human? The Stability and Importance of Individual Differences in Anthropomorphism. **Perspectives on Psychological Science** **5**(3): 219-232.
- WYNNE, C. 2004. The perils of anthropomorphism. **Nature** **428**(April): 606-606.
- WYNNE, C. D. L. 2005. The emperor's new anthropomorphism. **The Behavior Analyst Today** **6**(3): 151-154.
- WYNNE, C. D. L. 2007a. What are Animals? Why Anthropomorphism is Still Not a Scientific Approach to Behavior. **Comparative Cognition & Behavior Reviews** **2**: 125-135.
- WYNNE, C. D. L. 2007b. Anthropomorphism and its Discontents. **Comparative Cognition & Behavior Reviews** **2**: 151-154.

Recebido: 05/07/2017

Revisado: 13/09/2017

Aceito: 09/01/2018